



UM BLOG FEITO PARA
QUEM QUER VER O MUNDO
MUDAR, MAS NÃO VAI FICAR
APENAS ASSISTINDO.



Alfabetização para além do plano do discurso

POR [BEATRIZ CARDOSO](#) · [INCLUSÃO SOCIAL](#) · 5 HORAS ATRÁS



É difícil encontrar alguém que não concorde com a premissa de que investimento em educação é essencial. No entanto, esta tal proposição é utilizada com frequência por diferentes grupos e com múltiplos sentidos.

Há um discurso, repetidamente enunciado por gestores públicos, empresários, políticos, etc., que até parece “semipronto”, mas o que cada um, efetivamente, entende por educação fica escondido atrás de afirmações genéricas a favor do assunto.

O mesmo ocorre com a alfabetização, porém de modo mais sutil. Hoje, quando comemoramos o seu dia internacional, muitas vezes ecoam em defesa da causa. Absolutamente nada contra, pois quanto mais gente “engrossar o caldo” e ajudar a dar visibilidade à importância do tema, melhor. Contudo, em paralelo, é preciso criar um diálogo que amplie a visão sobre o tipo de alfabetização em que se vale a pena investir.

Neste lado de cá do mundo, facilmente nos satisfazemos com as manifestações no plano do discurso, como se um posicionamento declarativo fosse suficiente, como se bastasse enunciar a preocupação e demonstrar boa intenção frente ao problema. No entanto, já se passaram décadas de concordância sobre a relevância da questão e, na prática, há pouco impacto. Enquanto isso, as crianças convivem com práticas pedagógicas extremamente mecânicas na sala de aula.

É inevitável dar um passo à frente e enriquecer a discussão em direção a uma maior preocupação e interesse por como as crianças são alfabetizadas. Que tipo de alfabetização, propriamente, está sendo oferecido a elas?

Este é, certamente, um debate mais técnico, razão pela qual muitas vezes acaba ficando em 2º plano. É compreensível que seja assim, pois se trata de um assunto complexo. No entanto, pais, mães, avós ou quaisquer adultos vinculados a crianças, e, mais especificamente, gestores públicos, políticos e empresários podem compreender e lutar contra a visão assistencialista que tão facilmente se instala quando se trata de atender a crianças menos favorecidas. Há quase um consenso de que “para quem tem pouco qualquer coisa é muito”, quando deveria ser justamente o contrário!

Embora a luta seja para que todas as crianças recebam a melhor educação possível, crianças de classe média, por sua inserção e condição, correm menos riscos se estiverem em uma escola não tão preparada. Já as que não têm outro recurso devem receber o máximo da escola para poderem dar o salto que não foi possível para seus familiares.

Depois de tantas décadas derrapando na construção desse caminho, criou-se um fato: o fracasso de crianças que a gente não conhece, e nem tem ideia de quem sejam, acaba impactando diretamente a vida de cada um de nós. Chegamos ao ponto em que o bem estar daqueles que tiveram sorte e oportunidade acaba interligado – negativamente – com o destino de milhares de crianças desperdiçadas pelos sistemas escolares. Tantas dimensões sociais que enfrentamos hoje, como violência, pobreza e até questões éticas e de valores, estão conectadas com a chance que as crianças têm (ou não têm) nessa etapa da vida.

Tudo isso para dizer que a qualidade do processo de alfabetização de qualquer brasileiro diz respeito à sociedade como um todo. Alguns, é claro, têm responsabilidade direta na viabilização e estruturação dos sistemas de ensino, mas cada um de nós deve ter o compromisso de exigir e colaborar para que as políticas que são postas em campo estejam comprometidas com a oferta de condições para que todas as crianças tenham a oportunidade de, junto com o domínio das letras, ampliar sua capacidade intelectual.

A alfabetização é momento privilegiado para garantir a entrada e estabelecimento de vínculo com o mundo do conhecimento. Mas, infelizmente, em nossa realidade é possível que uma criança passe anos numa escola que abre mão de produzir esse contexto de aprendizagem.

Para avançarmos como sociedade, precisamos atingir todos os alunos, dando acesso a oportunidades contingenciais – e não apenas a uma parcela por meio de programas isolados. Devemos encarar os desafios de valorizar o papel da escola, de investir na formação dos professores e metodologias que gerem conhecimento prático e aplicável para dar suporte aos agentes desta mudança.

O Brasil precisa formar produtores de conhecimento em massa e não só consumidores de leitura isolados. Portanto, faz-se necessário dar um passo além da boa intenção da promoção de leitura e investir em uma política (que se inicia com a formação dos professores) estruturada que dê as diretrizes para influenciar os inúmeros programas e pesquisas no setor.

Já sabemos que ampliar o nível de exposição de todos à informação e às práticas culturais qualificadas é parte da solução, mas, infelizmente, não basta. Para além do contato com a informação, são necessárias interações que promovam o desenvolvimento de capacidades que levem os sujeitos a ultrapassarem o mero consumo de conhecimentos. Trata-se de colocar ênfase no processamento e na produção de ideias, reflexões e respostas. E isso se dá por meio da interação que é oferecida a cada criança que entra no universo da língua escrita. É entender a alfabetização como um processo de construção de conhecimento que depende de um contexto que acredite na capacidade daquele pequeno ser.

Enfim, uma alfabetização que cumpre seu papel estruturante no desenvolvimento das crianças nasce da frequência com que as convida a gerar respostas próprias, desde muito pequenas, a partir de informações e situações de uso da linguagem (oral e escrita). E é nesse espaço invisível que se configuram a marginalização e as diferenças na qualidade do relacionamento que as crianças têm com a cultura letrada.

